

Sobre a extensão em fotografia a partir do projeto “Bordas da Imagem”

Sobre la extensión en fotografía a partir del proyecto bordas da imagem

Eduardo Queiroga

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

queiroga.eduardo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9063-6704>

Lara Reis

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

lazevedoreis22@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-8903-1437>

Giovanna Gabrielle dos Santos

Guilherme

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ggabrielle031@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-3101-5621>

RESUMO: Este texto visa refletir sobre as relações entre fotografia e extensão a partir do projeto “Bordas da Imagem”, da Escola de Belas Artes da UFMG, que tem como sua principal ação um Grupo de Estudos com leituras acerca da imagem fotográfica e aquilo que a circunda. Montamos um panorama do que significa fazer extensão universitária atualmente e como a reflexão teórica, enquanto construção conjunta de conhecimento, pode ser tão presente na extensão quanto é na pesquisa e no ensino, elencando autores da educação e da fotografia, como também as normas universitárias vigentes. Também argumentamos que a fotografia, devido o seu atual fluxo e quantidade, tem exigido cada vez mais uma leitura crítica e múltipla, que não pode ser feita sem a confluência de perspectivas próprias da extensão e sem um espaço que seja oportuno a essa partilha.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Extensão Universitária; Bordas da Imagem

RESUMEN: Este texto se propone reflexionar sobre las relaciones entre fotografía y extensión a partir del proyecto “Bordas da Imagem”, de la Escuela de Bellas Artes de la UFMG, cuya principal acción es un Grupo de Estudios con lecturas en torno a la imagen fotográfica y a aquello que la circunda. Construimos un panorama de lo que significa realizar extensión universitaria en la actualidad y de cómo la reflexión teórica, como construcción colectiva de conocimiento, puede estar tan presente en la extensión como lo está en la investigación y en la docencia, recurriendo a autores del campo de la educación y de la fotografía, así como a las normativas universitarias vigentes. Asimismo, argumentamos que la fotografía, debido a su flujo y volumen actuales, exige cada vez más una lectura crítica y múltiple, que no

puede llevarse a cabo sin la confluencia de perspectivas propias de la extensión ni sin un espacio propicio para dicha puesta en común.

PALABRAS-CLAVE: Fotografia; Extensão Universitaria; Bordas da Imagem.

Introdução

O objetivo deste texto é articular criticamente os princípios da extensão universitária com a experiência do projeto Bordas da Imagem, que trabalha a fotografia em seu viés teórico e reflexivo, com ênfase nos processos criativos e na autoria. Uma motivação importante, além de estimular o surgimento ou aprofundamento de outras ações semelhantes, é reconhecer que muito frequentemente ações envolvendo leitura e reflexão são confundidas ou relegadas exclusivamente à dimensão da pesquisa. Desejamos ampliar o debate e observar o quanto de extensionista há em um projeto como o que analisaremos, defendendo que há sim uma associação com o ensino e a pesquisa, mas que é possível ser extensão em fotografia alcançando-a pelo ângulo do estudo, da teoria, do pensamento e da crítica.

Essa primeira colocação nos impõe, também, uma demanda por discutirmos a importância de pensarmos a fotografia em uma sociedade tão fortemente influenciada pela produção, circulação e consumo de imagens. Walter Benjamin, em um texto publicado em 1931, portanto há quase cem anos, quando estávamos muito distantes da presença que as fotografias teriam em nossas vidas cotidianas depois dos processos de digitalização, já destacava o perigo de não sabermos ler as imagens que produzimos (BENJAMIN, 1994). Mas, passado tanto tempo e produzidos tantos avanços tecnológicos, comumente temos, ainda, uma relação superficial com as imagens, muitas vezes não alcançando ou não questionando o que está por trás de tamanha circulação, não percebendo como elas trabalham e atuam sobre nossas relações sociais.

Vilém Flusser oferece uma chave para tal superficialidade ao afirmar, se referindo às imagens técnicas, que “aparentemente o significado das imagens técnicas se imprime de forma automática sobre suas superfícies” (FLUSSER, 2009, p. 13). A crítica do filósofo aponta para a necessidade de desconfiarmos de uma leitura superficial das imagens. Não podemos nos contentar com a leitura rasa das imagens técnicas, sendo a fotografia a primeira delas, pois há muito mais complexidade envolvida no nosso contato com elas. Mas não seria um exagero afirmar que a maioria das pessoas, embora fotografem e consumam fotografias diariamente, continuam a agir “automaticamente”, como diria Flusser, ainda em

função do aparelho – aqui a noção de aparelho extrapola a câmera fotográfica e é usado como modelo para outras estruturas de funcionamento e pertencimento, tendo como ponto importante o aspecto de configuração, de como as várias esferas que organizam a sociedade são configuradas e como atuamos em função de tais programações.

Além do perigo da superficialidade, Georges Didi-Huberman nos recorda que “uma imagem fotográfica nunca é isto ou aquilo: ela é apenas o que se quer fazer dela, seja do ponto de vista do produtor, seja do ponto de vista do espectador” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 90). Este autor distende a maleabilidade das fotografias de se prestarem a diferentes discursos, algo que nos exige maior atenção na lida com elas, uma vez que tal frouxidão impede que elas sejam capturadas por uma só intenção. As fotografias resistem a se enquadrarem em apenas uma fala ou ponto de vista. Autores como Philippe Dubois (1994), Roland Barthes (2015) e Susan Sontag (2004) observaram as relações entre a fotografia e o referente ou aquilo que é fotografado, dando-nos pistas como o reconhecimento daquilo que aparece na imagem – seja uma pessoa próxima, um acontecimento ou uma paisagem – nos dá a falsa impressão de que já apreendemos suficientemente o que nos é transmitido. Jean-Marie Schaffer, entre tantos outros, aponta para a ambiguidade inerente à fotografia: “a recepção da imagem fotográfica é um nó onde se entrecruzam fatores heterogêneos e que, em sua maioria, nos escapam” (SCHAEFFER, 1990, p. 79). Pensar a fotografia com mais profundidade é imperativo em uma sociedade cujas relações com as imagens são tão extensas.

Partindo desses pressupostos, traremos uma breve contextualização do projeto em foco, seguido de um panorama sobre tensionamentos e balizadores da prática extensionista para alcançarmos cruzamentos entre fotografia e extensão que caracterizam nosso objeto de análise.

Bordas da Imagem é um projeto de extensão vinculado à Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Iniciado em 2022, é formado por uma série de ações que têm como foco o exame da fotografia, de seus processos criativos e das questões relacionadas com a autoria. A principal dessas ações consiste no Grupo de Estudos aberto ao público, que se completa com outras duas: as Rodas de Diálogo e os encontros Poéticas do Bordas, que serão melhor detalhadas mais adiante. O projeto funciona virtualmente com o objetivo de estimular uma maior multiplicidade de olhares, permitindo o encontro e as trocas com pessoas de diversas regiões do Brasil e também de fora do país. A diversidade também está nos pontos de contato com a fotografia, acolhendo participantes

de diferentes formas de experiência com a linguagem – estudantes, professores, artistas, fotógrafos, entre outros – e com diversos níveis de escolaridade ou envolvimento com o meio acadêmico: graduandos, pós-graduandos, mestres, doutores ou pessoas que não possuem interesse na carreira de pesquisa. Sendo um projeto extensionista, em seu cerne está justamente a troca em que se constitui um grupo de estudos, organizando o espaço para a reflexão, o debate e a horizontalidade.

Extensão: História e apontamentos

Para analisarmos com maior fundamentação o quão presente é o caráter extensionista do Bordas da Imagem, vale retomarmos os conceitos teóricos e históricos da extensão universitária. Como apontado por João Antônio de Paula (2013), não podemos esquecer que a universidade chegou com muito atraso ao Brasil em comparação a outros países, onde a cultura universitária se iniciou vários séculos antes. Ou seja, precisamos considerar certa defasagem e seus impactos no desenvolvimento das atividades da universidade, incluindo a extensão. Somente em 1931 a extensão foi oficializada na legislação brasileira segundo o Decreto nº 19.851, de 11/4/1931 (PAULA, 2013). Contudo, ainda prevalecia a visão de uma extensão como assistência a um povo rotulado como desprovido de conhecimentos técnicos e científicos. Este entendimento predominou até os anos 1950, sustentando uma espécie de hierarquia entre conhecimento produzido intra e extra universidade, que funcionava em paralelo à oposição campo-cidade. Era de praxe a negação da capacidade do camponês – ou qualquer outro indivíduo alvo da extensão – em desenvolver suas próprias técnicas, tampouco que elas fossem eficazes e embasadas. A maioria dos extensionistas não se esforçava para compreender o contexto no qual seu público se inseria, apenas o isolava de um processo do qual ele deveria fazer parte. Assim se inicia uma tortuosa história da extensão universitária brasileira.

Com a chegada da década de 50, movimentos como a Reforma Universitária no Brasil clamavam por uma educação acessível a todas as classes sociais e regiões do país, entre outras demandas negligenciadas no ensino, com o amadurecimento de perspectivas alternativas ao método exploratório e desigual, levando à revisão dos moldes tradicionais da prática extensionista. Paulo Freire traz um discurso enfatizando a luta pela educação em sua obra “Extensão ou comunicação?”, publicada pela primeira vez em 1969. Por meio dela, o autor faz uma análise crítica do termo “extensão” e seus objetivos originais. Em consonância com sua

metodologia dialógica,¹ Freire aponta que conhecimentos não deveriam ser considerados transferíveis de um indivíduo para outro. Quando a universidade se vê como única detentora do conhecimento e responsável por “estendê-lo” para além de seus muros, o caráter dialógico da educação é descumprido, alimentando uma narrativa que inferioriza saberes e técnicas diferentes da cultura hegemônica. É reforçada pelo autor a importância de substituir este molde tradicional por um baseado na comunicação. É importante perceber que o modelo que ele traz como comunicação é aquele que valoriza a troca, um processo que se dá em “mão dupla”, valorizando um compartilhamento de saberes, e não a ideia de levar o conhecimento de dentro para fora da universidade. Esta proposta se alinha ao seu método dialógico de educação (FREIRE, 2021, p. 109) e está distante do conceito de comunicação associado à grande mídia. O pensador propõe uma educação com base no acordo mútuo entre acadêmicos e parceiros do projeto, por meio da profunda compreensão do contexto que cerca os segundos.

As reflexões de Freire ressaltam a necessidade de abraçar saberes além dos científicos e acadêmicos. Sem o diálogo – que o autor destaca como via de mão dupla, e não um despejo de informações que desconsidera o contexto, necessidades e agência do outro – não há a formação de um educador que transforma positivamente realidades. O debate que o autor lança ali, embora muito relacionado a um contexto específico e datado, antecipa questões cruciais para o amadurecimento e atualização das práticas extensionistas. Hoje há uma maior valorização de saberes ancestrais e um melhor entendimento da ideia de que conhecimento não é apenas o que está escrito em livros didáticos, mesmo que ainda não tenhamos chegado a uma situação ideal em relação a isso. Compartilhamos dos pensamentos da educação baseada na comunicação de Freire, e compreendemos sua obra como um alerta aos vícios exploratórios a serem evitados pela extensão universitária. O autor conclui: “Se não for capaz de crer nos camponeses, de comungar com eles, será no seu trabalho, no melhor dos casos, um técnico frio. Provavelmente um tecnicista; ou mesmo um bom reformista. Nunca, porém, um educador de e para as transformações radicais” (FREIRE, 1979, pg. 65). É também importante percebermos como os anseios dialógicos trazidos pelo autor aparecerão nos debates mais atuais e na formulação de normas e diretrizes que orientam as práticas extensionistas na universidade brasileira.

1 Para Paulo Freire, a aprendizagem deve ser desenvolvida através do diálogo, junto com o estudante. Essa visão se opõe ao que ele chama de ensino “bancário”, fazendo um paralelo com a instituição financeira onde valores são depositados e posteriormente sacados: o professor como o único detentor do conhecimento, que o “deposita” no aluno (ser sem conhecimento) e depois resgata o conhecimento transmitido através de provas, por exemplo.

No Brasil, podemos destacar, como balizador e estimulador para as práticas da extensão, o documento “Política Nacional de Extensão Universitária”, fruto do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, que aconteceu em 2012, em Manaus, consolidando um trabalho de mais de três anos de debates entre as instituições signatárias que, por sua vez, remontam a encontros e avanços registrados desde 1999. Aachamos importante destacar alguns aspectos tratados neste documento para posteriormente relacionarmos com o projeto analisado. A começar pela articulação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão em “um processo interdisciplinar educativo, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 16). O mesmo documento ressalta que essa interação não pode ser confundida com uma entrega ou transferência de conhecimento acumulado pela universidade. No lugar disso, devemos privilegiar a produção de novos conhecimentos através da interação com outros setores da sociedade, em um fluxo “de mão dupla”, de trocas de saberes.

As diretrizes para a extensão indicadas pelo Forproex são: 1) interação dialógica, 2) interdisciplinaridade e interprofissionalidade, 3) indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, 4) impacto na formação do estudante e 5) impacto e transformação social. Tais diretrizes, hoje, auxiliam as regulamentações internas das universidades e buscam deslocar o eixo pedagógico clássico estudante-professor para o eixo estudante-professor-comunidade. Entre muitos desafios, o documento lista “exercitar o papel transformador da Extensão na relação da Universidade Pública com todos os outros setores da sociedade, no sentido da mudança social, de superação das desigualdades, eliminando, nesse exercício, ações meramente reprodutoras do status quo” (FORPROEX, 2012, p. 23) além de “assegurar o uso de tecnologias educacionais inovadoras e efetivas nas ações de extensão Universitária, de forma a garantir seu fortalecimento” (FORPROEX, 2012, p. 24).

Observando o instrumento que regulamenta a extensão na UFMG, a Resolução Complementar 03/2024 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2024), percebemos como há muitos alinhamentos com a Política Nacional, como a busca pela interação dialógica, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a interdisciplinaridade como fatores norteadores. Nos interessa sublinhar a equidade colocada entre os saberes científicos, artísticos e tecnológicos no âmbito da UFMG, uma vez que o nosso campo de investigação se insere na esfera muitas vezes pouco valorizada das Artes e da Comunicação.

Relações Entre extensão e fotografia

A imagem, no contexto atual de intenso fluxo de informações do ambiente digital, tem sido um elemento central em nossas vidas. Publicidades sobre o mais novo produto que devemos comprar, retratos de amigos que saíram de viagem, sugestões de novos restaurantes para conhecer, obras de artistas aclamados, fotos dos animais de estimação dos nossos familiares. São todos estímulos visuais que consumimos à distância de um palmo, em nossos celulares ou computadores. A fotografia e seus derivados são tão presentes no cotidiano que observamos uma banalização do seu uso e, conseqüentemente, da sua interpretação pelos espectadores. As palavras de Susan Sontag, escritas em uma época ainda anterior à profusão de imagens nos meios digitais, não poderiam parecer mais atuais:

Em época recente, a fotografia tornou-se um passatempo quase tão difundido quanto o sexo e a dança — o que significa que, como toda forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É sobretudo um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder. (SONTAG, 2004, pg. 18)

Apesar do crescente aumento da produção, da circulação e do consumo de imagens, há uma dimensão pouco valorizada nessa cadeia: a da reflexão e do pensamento sobre as imagens e seus modos de funcionamento. É notável o predomínio de abordagens práticas e técnicas quando o assunto é fotografia, tanto em ambientes profissionais quanto em conversas casuais. Este fenômeno foi exacerbado com a difusão da fotografia que acompanhou o surgimento de *smartphones* equipados com câmeras de alta resolução. No âmbito das práticas extensionistas, também percebemos uma maior inserção da fotografia nos seus aspectos mais técnicos – como cursos e formação – ou práticos – como nas ações em que a fotografia desempenha um papel relacionado à produção de imagens sem a problematização sobre a função delas na sociedade. De forma geral, a interação com o grande volume de imagens que consumimos é passiva. Pouco se reflete a respeito de como elas agem sobre nós, constituem uma linguagem própria e impactam culturas, hábitos e políticas ao redor do mundo. Quando nos aproximamos do panorama brasileiro, a desvalorização do campo das Artes, citada anteriormente, acentua a passividade dos sujeitos.

Construída ou tomada no calor da hora, a fotografia é vista pela sociedade como a evidência do que aconteceu no momento em que o operador voltou sua câmara para um determinado referente. O caráter testemunhal da fotogra-

fia, ainda tão prezado nesse momento em que as tecnologias da informação apontam para uma desnaturalização crescente do real, parece fornecer uma âncora a uma sociedade que não consegue romper de vez com a materialidade do mundo. Cabe aos estudiosos analisar os paradoxos e as contradições embutidos numa imagem quase imaterial, mas dotada de uma materialidade inequívoca aos olhos da maior parte das pessoas. (FABRIS, 2014, p. 39)

O projeto Bordas da Imagem se apoia na necessidade de ampliarmos os referenciais que privilegiam a criticidade na nossa relação com as fotografias, seja em um ambiente acadêmico ou comercial, pessoal ou profissional, quando as produzimos, fazemos circular ou as consumimos. Ele está estruturado em uma atividade principal e – no momento desta análise – outras duas vinculadas. O eixo central é o Grupo de Estudos, que se reúne em ambiente remoto quinzenalmente. Possui um número flutuante de participantes, em torno de 100 a 130 pessoas inscritas,² com uma frequência média de 30 a 40 pessoas por encontro. O objetivo do Grupo é a promoção de discussões embasadas pela leitura de textos – em sua maioria teóricos – envolvendo a fotografia. A escolha do texto é feita pelo próprio grupo e são privilegiadas as leituras integrais: obras inteiras, não capítulos, podendo variar de livros mais extensos a textos mais condensados como artigos e ensaios.

Nas reuniões, a palavra é aberta a todos, esquivando-se de um formato que se aproxime de aula ou conferência. O que se busca são os aportes de todos que leram as obras, que compartilham suas interpretações, suas críticas, suas dúvidas para serem discutidas pelo grupo. Evita-se o lugar do especialista, reconhece-se o valor das contribuições independentemente da formação ou experiência daquele que comenta, exercitando a relação dialógica e horizontal. Com o entendimento de que não há pensamento que ocorra isolado de influências de outros, são todos coparticipantes no ato de pensar. Desde o início do projeto, novos participantes são acolhidos a cada semestre, prezando pela diversidade das origens e dos vínculos com a fotografia. Baseando-se na interdisciplinaridade e interprofissionalidade que constam como diretrizes da extensão, mas que também são objetivo do projeto em sua concepção, é encorajada a participação de pessoas de qualquer área, e com qualquer tipo de relação com a fotografia. O grupo é formado por fotógrafos profissionais, artistas com maior ou menor percurso no campo, estudantes e pesquisadores, pessoas que praticam fotografia como hobby ou quem não se interessa pela prática, mas pela discussão, com ou sem vínculo com o ensino formal.

2 A cada semestre são abertas novas inscrições. É feita uma seleção através de formulário eletrônico com o intuito de manter o grupo com um número de participantes que permita debates e trocas de qualidade. Há uma procura muito grande, demonstrando que a demanda para esse tipo de atividade é alta. Mais de 500 pessoas já tentaram a participação no Grupo de Estudos do projeto Bordas da Imagem.

Vindas de diferentes regiões, já passaram pelo Bordas da Imagem participantes de 19 a 71 anos de idade. Todas as pessoas são capazes de assumir uma posição ativa e reflexiva para ir além da abordagem superficial das imagens, e o projeto é colocado como um facilitador para tal – mas não o único.

Outra ação do Bordas da Imagem é a Roda de Diálogo: encontros virtuais com convidados externos – artistas, fotógrafos, pesquisadores, curadores ou professores – que apresentam suas pesquisas autorais em diálogo com mediadores participantes do projeto, retomando discussões a partir das leituras do Grupo de Estudos, sempre atravessados pelo pensamento teórico.³ Essa ação é aberta ao público em geral, com transmissão ao vivo no canal do projeto na plataforma YouTube, permitindo a interação através de perguntas e comentários em tempo real. Mesmo quando se propõe no projeto um exercício de olhar para fotografias, entende-se que esse olhar está cercado de referências teóricas. Isso também se dá em uma outra atividade, intitulada Poéticas do Bordas. A caçula das ações do projeto – em resposta à demanda colocada pelos próprios participantes – tem um formato parecido com as Rodas de Diálogo, mas no lugar de convidados externos, quem apresenta suas produções são integrantes do Bordas da Imagem. As Poéticas constituem mais um lugar para a interação perpassada pela teoria visto que os trabalhos apresentados são atravessados pela pesquisa e em alguma dimensão pelas leituras do “Grupo de Estudos”.

O foco na teoria e na reflexão, não raras vezes, pode confundir seu caráter extensionista com o campo estrito da pesquisa. É verdade que o projeto Bordas da Imagem mantém vínculos com o ensino e a pesquisa, mas consideramos oportuno destacar que as ações empreendidas são muito mais consistentes como extensão. Mesmo contribuindo para a formação crítica de estudantes, fotógrafos, artistas e pesquisadores – algo constatado no relato dos participantes ou nos agradecimentos de monografias – o Bordas da Imagem não visa um resultado de pesquisa, mas se filia às diretrizes da extensão, conforme já trazidos anteriormente. A interação dialógica se dá através dos mecanismos de organização que priorizam a troca de saberes e experiências de modo horizontal e democrático, com as contribuições de dentro e fora da universidade. Nesse ponto, a escolha pelo ambiente virtual se mostra muito fértil, possibilitando a participação de pessoas de todas as regiões do país e também do exterior, moradores de áreas urbanas e rurais, com diferentes níveis de escolaridade e classes sociais. Dentro do Bordas da Imagem, professores ou estudantes, doutores ou graduandos, fotógrafos com larga experiência ou

3 Já compartilharam com o grupo produções que se constituem ao mesmo tempo como trabalhos artísticos e pesquisas acadêmicas: Tatiana Altberg, Pio Figueiroa, a dupla Marcela Lins e Guilherme Benzaquen e José Afonso Jr, entre vários outros. As Rodas de Diálogo podem ser conferidas no site do projeto (www.bordasdaimagem.wordpress.com).

iniciantes, interessados e participantes externos à comunidade acadêmica: todos se igualam no reconhecimento de suas colaborações. As Rodas de Diálogo e Poéticas do Bordas, abertas ao público amplo com possibilidade de participação ao vivo, também reforçam o aspecto dialógico.

Em paralelo, há uma enorme interdisciplinaridade e interprofissionalidade, ao reunir e escutar pessoas com diferentes vínculos e experiências, mesclando leituras de mundo e bagagens profissionais e de vida. A interdisciplinaridade e a interprofissionalidade buscam superar a dicotomia entre abordagens generalistas versus especializadas, nas quais a primeira perde a percepção do específico, enquanto a segunda age no parcelamento do todo, negligenciando as conexões e complexidades que se dão interconectadas. Conforme a Política Nacional de Extensão Universitária, “a combinação de especialização e visão holista pode ser materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento, assim como pela construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais” (FORPROEX, 2012, p. 18).

No processo de seleção, são privilegiados tanto a diversidade dos integrantes quanto o acolhimento de estudantes de graduação – dos mais diversos cursos – como forma de ampliar os impactos sociais e na formação discente. Se a imagem é tão presente em nosso cotidiano e demanda uma maior criticidade na relação com ela, estimular o debate e o aprofundamento na reflexão sobre os modos de funcionamento das fotografias no mundo contemporâneo é, também, uma maneira de diminuir desigualdades e se implicar nas transformações da sociedade.

A interação entre ensino, pesquisa e extensão se dá também através da bolsa de extensão que inclui o estudante de graduação nas articulações necessárias para manter o grupo em funcionamento, ao mesmo tempo em que permite ao graduando contribuir com sua perspectiva, se deslocar para outros lugares da universidade, ser impactado e impactar o projeto. A bolsa oferecida foi pensada como forma de engajar o estudante no projeto para além do diálogo no grupo de estudos, incluindo-o na produção e mediação de todas as ações promovidas. Por ter, espaço para a criatividade nas estratégias de divulgação e nas produções gráficas, o bolsista⁴ se vê contemplado pelos propósitos da extensão – o que acontece em projetos de extensão como o Bordas da Imagem e outros. A atuação do

4 Nos referindo especificamente à seleção de bolsistas, podem se inscrever estudantes matriculados em qualquer curso da UFMG, de modo que o projeto recebe interessados de todas as áreas do conhecimento, com uma procura bastante significativa, somando dezenas de candidatos. No curto tempo de existência, contemplou bolsas para estudantes de Ciências Sociais, Conservação e Restauração de Bens Móveis, Relações Econômicas Internacionais e Museologia. Mas é importante lembrar que a participação de estudantes no projeto é muito mais ampla do que a do bolsista, uma vez que a oferta de bolsas é limitada a, no máximo, uma por ano.

bolsista no Bordas da Imagem produz a interdisciplinaridade ao mesmo tempo em que reafirma as diferenças de pontos de vistas e os ajustes sempre necessários a um projeto de extensão, já que a comunicação não vem sem as complexidades incontornáveis de uma ação que não se pretende unilateral.

Considerações finais

A fotografia aparece em diversas atividades extensionistas e essas aparições muitas vezes tomam a forma de cursos técnicos ou de ferramentas metodológicas nas práticas de diferentes naturezas. Mas o viés teórico-reflexivo sobre a fotografia em si nem sempre está no foco. Nosso intuito não é hierarquizar ou estabelecer escalas de valores sobre esses usos, pois entendemos que todos são enormemente potentes e eficazes. O que intentamos é ampliar o debate trazendo uma experiência específica tanto para defender a necessidade de projetos de extensão que abordem teoricamente a produção, circulação e consumo de imagens, como para evitar que esse tipo de ação seja encarada apenas pelo viés da pesquisa – e dos projetos de pesquisa – uma vez que atende a cada diretriz da extensão no Brasil. Como colocado por José Ricardo Ayres (2015, p. 76), “a universidade, como espaço social da produção e ensino do conhecimento rigoroso, científico, técnico e humanístico, precisa ser o local, por excelência, da teoria colocada em ação, a teoria como, ela própria, ação”.

O objetivo deste artigo não é produzir uma inversão de relevâncias dos âmbitos da prática e da teoria na extensão em fotografia denotando superioridade da teoria sobre a prática. Almeja-se reafirmar a possibilidade de um projeto de extensão pautado pela troca de ideias e saberes, reforçando seu caráter de extensão. Conquanto que se baseie no diálogo, projetos como o Bordas da Imagem são possíveis e complementares à prática, não estando isolados da produção fotográfica e acadêmica dos participantes. Como já dito anteriormente, o projeto se situa nesse artigo como uma dentre várias possibilidades da fotografia na extensão. O que se almeja por fim, idealmente, não somente no Bordas da Imagem, mas na extensão como um todo, é que a extensão produza um outro lugar de relação com a universidade e com o mundo. Que os saberes produzidos intramuros da universidade possam dialogar com outros saberes, estabelecendo vias de mão-dupla de mútua colaboração e aproveitamento, impactando a formação de cidadãos – discentes ou não – nas suas diversas dimensões. E, considerando o papel das imagens em nossa sociedade, é urgente que tais transbordamentos, para fora e para dentro, aconteçam também nos domínios da fotografia.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. R. de C. M. Extensão universitária: aprender fazendo, fazer aprendendo. *Revista de Medicina*, São Paulo, Brasil, v. 94, n. 2, p. 75–80, 2015. <https://doi.org/10.11606/issn.16799836.v94i2p7580>. <https://revistas.usp.br/revistadc/article/view/106761>. Acesso em:
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENJAMIN, W. Pequena História da Fotografia. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DIDI-HUBERMAN, G. Compreender por meio da fotografia. *Revista Zum*. São Paulo, n. 13, p. 86-103, 2017.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- Fabris, A. Discutindo a imagem fotográfica. *Domínios Da Imagem*, [S. l.], v.1, n-1, p. 31–41, 2014.
- FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.
- FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. *FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS*: Manaus, 2012.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* [s.l.] Editora Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- PAULA, J. A. de. (2013). A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces - Revista de Extensão da UFMG*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em:
- PIRES DA SILVA, W. Extensão Universitária: Um conceito em Construção. *Revista Extensão & Sociedade*, [S. l.], v. 11, n. 2, 2020. <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491>. <https://periodicos.ufmg.br/extensaoe-sociedade/article/view/22491>. Acesso em:
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *La imagen precaria: Del dispositivo fotográfico*. Madrid: Catedra, 1990.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução Complementar Nº 03/2024, de 4 de julho de 2024. *Aprova as Normas Gerais da Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*. Belo Horizonte: CEPE, 2024.

♦ VOL. 14, 2026, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces – Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces

Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

UFMG